

## IDENTIFICANDO OS NÚCLEOS APLICATIVOS BAIXOS NO CRIOULO GUINEENSE E NO TUPINAMBÁ (FAMÍLIA TUPI-GUARANI) <sup>1</sup>

Marcia Damaso Vieira<sup>2</sup>, Pollyanna Pereira de Castro<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, descrevemos e discutimos a manifestação de núcleos aplicativos baixos em duas línguas geneticamente não relacionadas: o crioulo guineense<sup>4</sup> (CG) e o tupinambá<sup>5</sup> (família tupi-guarani), tendo como base a tipologia estabelecida por Pylkkänen (2002, 2008) e ampliada por Cuervo (2003). Através dos dados observados nas duas línguas, identificamos, além dos dois tipos de morfemas aplicativos baixos postulados por Pylkkänen - *to-the-possession-of* e *from-the-possession-of*, o outro tipo definido por Cuervo como de posse estática- (*at*). Em cada uma das línguas, esses três tipos de núcleos aplicativos são expressos pela mesma estrutura: *dative shift* em CG e *possessor-stranding* em tupinambá.

**PALAVRAS-CHAVES:** línguas crioulas, línguas indígenas, núcleos aplicativos baixos, dativo, ascensão de possuidor.

### ABSTRACT

In this work, we aim to describe and discuss the occurrence of low applicative heads in two genetically non-related languages: Guiné-Bissau Creole (GBC) and Tupinambá (Tupi-Guarani family), based on the typology established by Pylkkänen (2002, 2008) and expanded by Cuervo (2003). Through the observed data, we have identified not only the two types of low applicative heads postulated by

<sup>1</sup> A parte deste artigo sobre o crioulo guineense (CG) é baseada na Tese de Doutorado, defendida em 2017 pela segunda autora e orientada pela primeira autora.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional. E-mail: [valdirgabriel@gmail.com](mailto:valdirgabriel@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [pollyannacast@hotmail.com](mailto:pollyannacast@hotmail.com)

<sup>4</sup> O crioulo guineense ou *kriol* é formado pelo português europeu, língua do superstrato, e por línguas africanas da família nigero-congolesa, línguas do substrato. O CG é falado em Guiné-Bissau, país situado na costa ocidental africana.

<sup>5</sup> O tupinambá é uma língua da família tupi-guarani já extinta, que foi falada na costa do Brasil. Seus registros datam dos séculos 16 e 17. Todos os dados do tupinambá aqui apresentados foram extraídos das gramáticas de Anchieta (1595), Figueira (1687) e Lemos Barbosa (1956).

Pylkkänen – to-the-possession-of and from-the-possession-of –, but also the other type defined by Cuervo as static possession (*at*). In each language, the three types of applicative heads are expressed through the same structure: dative shift in Guiné-Bissau and possessor stranding in Tupinambá.

**KEY-WORDS:** creole languages, indigenous languages, low applicative heads, dative shift, possessor stranding.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a descrever e discutir as construções aplicativas por nós identificadas em duas línguas geneticamente não-relacionadas: o crioulo guineense (Guiné-Bissau (GB)) e o tupinambá (família tupi-guarani), tendo como base a tipologia estabelecida por Pylkkänen (2002, 2008) e ampliada por Cuervo (2003) para os núcleos aplicativos baixos.

À luz da Morfologia Distribuída (Marantz, 1997), Pylkkänen postula a existência não só de núcleos aplicativos altos, mas também de dois núcleos aplicativos baixos que envolvem a noção de transferência de posse em duas direções opostas: *to-the-possession-of* e *from-the-possession-of*. Cuervo enriquece a investigação sobre os núcleos aplicativos baixos, ao sugerir a existência de mais um tipo: o de posse estática (*at*).

Através da observação dos dados das duas línguas, foi possível identificar os três tipos de morfemas aplicativos baixos sugeridos pelas investigadoras.

Os dados do CG aqui apresentados foram coletados por Castro junto a três falantes nativos, dois da etnia pepel e um da etnia manjaco, todos de nível universitário, em diferentes períodos entre 2015 e 2017<sup>6</sup>. Já os dados do tupinambá são de fontes secundárias. Foram retirados das gramáticas de Anchieta (1595), de Figueira (1687) e de Lemos Barbosa (1956).

O artigo está dividido do seguinte modo: na seção 2, apresentamos informações gramaticais do CG e do tupinambá relevantes para a compreensão dos dados aqui discutidos; na seção 3, oferecemos um resumo dos pressupostos teóricos adotados sobre a natureza dos morfemas aplicativos baixos existentes; nas seções 4 e 5, descrevemos e discutimos a manifestação das construções aplicativas nas duas línguas; e na seção 6, fechamos o artigo com as nossas conclusões sobre o tema investigado.

Passamos agora para a apresentação de alguns aspectos gramaticais das línguas aqui abordadas.

---

6 Os dados do CG aqui apresentados foram coletados por Castro para a elaboração da sua tese de doutorado (Castro, 2017).

## 2 INFORMAÇÕES GRAMATICAIS SOBRE O CG E O TUPINAMBÁ

### 2.1 Ordem, morfologia verbal e a expressão dos argumentos em CG

O CG é uma língua do tipo SVO, [-sujeito nulo] e [-objeto nulo]. Diferentemente do português europeu, que possui uma rica morfologia verbal, os verbos do CG não apresentam flexão. A mesma forma verbal é usada para todas as pessoas do discurso, como mostram os exemplos (1) e (2):<sup>7</sup>

(1) Jon *kume* fjon  
Jon comer feijão  
'Jon comeu feijão'

(2) Ami n *kume* fjon  
eu eu comer feijão  
'Eu comi feijão'

Há partículas autônomas para marcar tempo, modo e aspecto (TMA). *Ta*, por exemplo, indica tempo presente e aspecto habitual, conforme afirma Kihm (1994) e ilustra o dado em (3). Na ausência de marcadores TMA, a leitura temporal é feita no passado perfectivo, como indicam as traduções dos exemplos (1) e (2):

(3) El i *ta* lei djornal  
ele ele TMA ler jornal  
'Ele lê o jornal'

O CG segue um padrão de caso do tipo nominativo-acusativo manifestado morfologicamente no sistema de clíticos pronominais. Uma propriedade bastante produtiva nesta língua é o redobro de pronomes em função de sujeito, como pode ser observado em (2) e (3). Outras características do sujeito, além de sua manifestação em construções de redobro, são: ordem pré-verbal e controle de PRO em orações infinitivas<sup>8</sup>.

O objeto direto do CG ocorre em posição pós-verbal e pode se tornar o sujeito da passiva. De modo semelhante ao português, o objeto indireto e o adjunto são introduzidos por preposições e são 'posicionados à direita do objeto direto, como em (4):

(4) Maria *da sal pa fidju*  
Maria dar/passar sal para filho  
'Maria deu/passou o sal para o filho'

7 Lista de abreviações utilizadas no texto: agr=concordância; aor=aoristo; apl=aplicativo; appl=aplicativo; asp=aspecto; caus=causativo; foc=foco; int=interrogativo; M=masculino; N=neutro; pass=passado; passiv=passiva; pres=presente; pl=plural; poss=possessivo; refl=reflexivo; rel=relacional; S=sujeito; s=singular; sg=singular; SP=sujeito; TMA=Tempo, Modo e Aspecto.

8 Um exemplo de estrutura de controle vem de complementos do verbo *querer*. Em CG, inexiste, porém, uma diferença entre formas finitas e não-finitas em termos morfológicos. A oração subordinada em (i) é tratada como infinitiva porque não admite um sujeito fonologicamente expresso:

Ami n misti [ PRO kume bulu]  
Eu eu querer PRO comer bolo  
'Eu quero comer bolo'

Os sintagmas nominais não são marcados morfologicamente para caso. Podem vir acompanhados do artigo indefinido (*un libru*)<sup>9</sup>, do demonstrativo (*kel libru*) ou de pronomes possessivos (*si libru*). A morfologia nominal só apresenta marcas de plural (*libru-s*). Nos sintagmas genitivos, o possuidor pode ser introduzido pela preposição *di* ou pode ser expresso por meio de pronomes possessivos, conforme indicam os exemplos (5) e (6):

(5) libru *di* *Eliseu*.  
 livro de Eliseu  
 ‘o livro de Eliseu’

(6) *si* *libru*  
 seu livro  
 ‘seu livro’

### 2.1.1 Mudança de valência em CG

Em CG, há dois mecanismos de mudança de valência reconhecidos na literatura: a voz passiva e a voz causativa. As construções passivas são realizadas por meio do acréscimo do sufixo *-du* (particípio) ao verbo lexical, sem a presença de um verbo auxiliar. Assim como nas passivas em português, o objeto da voz ativa se torna o sujeito e o sujeito da voz ativa se realiza como um adjunto opcional, precedido pela preposição *pa*, como em (7b):

(7) a. Jon *iasa* bulu  
 João assar bolo  
 ‘João assou o bolo’

b. Bulu *iasadu pa* Jon  
 bolo assado por João  
 ‘O bolo (foi) assado por João’

Segundo Couto (1994: 86), as causativas lexicais são marcadas com os sufixos *-nda / nt (a/i)* que se agregam aos verbos inacusativos:

(8) a. Liti *firbi*  
 leite ferver  
 ‘O leite ferveu’

b. Ami n- *firbinti* liti  
 eu eu- ferver.caus leite  
 ‘Eu fervei o leite’

Existem também em CG construções por nós identificadas como applicativas. Estas serão tratadas na seção 4.

<sup>9</sup> Não há artigos definidos em CG.

## 2.2 Ordem, morfologia verbal e a expressão dos argumentos em tupinambá

O tupinambá é uma língua que apresenta ordem livre nas orações independentes. Uma oração como *Pindobusu viu o mar* pode ser realizada por qualquer tipo de ordem -SVO, SOV, OSV, VSO, etc- conforme ilustram os exemplos em (9)<sup>10</sup>:

(9) a. Pindobusu o-s-epiak paranã' SVO  
Pindobusu 3-3-ver mar

b. Pindobusu paranã o-s-epiak SOV  
Pindobusu mar 3-3-ver  
'Pindobusu viu o mar'

(Lemos Barbosa: 67)

O verbo não apresenta desinências temporais<sup>11</sup>, mas sim prefixos pessoais que se referem aos traços do sujeito e do objeto quando este último é de 3ª pessoa, como mostram os dados em (9) acima e em (10) abaixo. Como os afixos de pessoa recuperam as referências do sujeito e do objeto, estes podem ser nulos:

(10) *a-i*-pysyk  
1sg-3-segurar  
'Eu o seguro'

(Lemos Barbosa: 126)

Quando o objeto é de 1ª ou 2ª pessoas e o sujeito é de 3ª pessoa, segue-se a hierarquia referencial (1>2>3) em que só os pronomes mais altos são expressos na morfologia verbal, como pode ser observado em (11)<sup>12</sup>:

(11) *xe*-pysyk  
1sg-segurar  
'Ele me segura'

(Lemos Barbosa: 126)

Em termos tipológicos, o tupinambá é considerado uma língua do tipo ativo-não ativo, uma vez que a expressão dos sujeitos intransitivos ativos é igual a dos sujeitos transitivos, como se vê em (10) e (12), e a expressão dos sujeitos intransitivos não-ativos é igual a dos objetos, conforme ilustram (11) e (13):

(12) *a*-ker  
1sg-dormir  
'Eu dormi'

<sup>10</sup> Nas orações dependentes do tupinambá, observa-se apenas o padrão SOV.

<sup>11</sup> Uma forma verbal pode ser traduzida como presente ou passado, já que não há desinências temporais em tupinambá. Para expressar o futuro, há partículas específicas que não se caracterizam como flexão verbal.

<sup>12</sup> A interação entre argumentos de 1ª e 2ª pessoas apresenta formas especiais: afixos pronominais *portmanteau* ou enclíticos:

(i) *Oro*-pysyk  
1>2-segurar  
'Eu te seguro'  
(ii) *Xe*-pysyk ìepé  
1sg-segurar 2sg  
'Tu me seguras'

(Lemos Barbosa: 125)

- (13) **xe-marangatu**  
 1sg-bom  
 ‘Eu (sou) bom’ (Lemos Barbosa: 66)

O sujeito, além de engatilhar concordância verbal, pode ser nulo e controlar as formas reflexivas<sup>13</sup>. O objeto direto também engatilha concordância verbal, pode ser nulo e pode se incorporar ao verbo. Já o objeto indireto, sempre seguido por uma posposição, não engatilha concordância no verbo. Em (14), as marcas de pessoa no verbo se referem apenas ao sujeito e ao objeto direto:

- (14) **a-î-meeng itá nde-r-uba supé**  
 1sg-3-dar pedra 2sg-rel-pai para  
 ‘Eu dei pedra para seu pai’ (Lemos Barbosa: 74 )

Os sintagmas nominais não apresentam marcas de caso. A morfologia nominal expressa posse, como em (16), grau e tempo não-verbal (*ex e futuro*). Não há artigos definidos ou indefinidos. Os sintagmas genitivos apresentam a ordem possuidor-possuído, como em (15). Dependendo da classe morfológica do nome, ocorre um marcador relacional entre ele e o possuidor, como ilustra o exemplo (16):

- (15) **paîé kysé**  
 pajé faca  
 ‘A faca do pajé’ (Lemos Barbosa: 78 )

- (16) **ore-r-uba**  
 1pl-rel-pai  
 ‘nosso pai’ (Lemos Barbosa: 50)

### 2.3 Mudança de valência em tupinambá

A mudança de valência em tupinambá é realizada por meio de morfemas específicos. Não há voz passiva, mas há voz reflexiva que intransitiviza o verbo por meio do prefixo *îe*, como em (17). Essa mesma propriedade de intransitivização verbal é observada em um tipo de incorporação nominal em que o nome incorporado substitui o prefixo de pessoa objetivo, como mostram os dados em (18):

- (17) **a-îe-pysyk**  
 1-refl-segurar  
 ‘Eu me seguro’ (Lemos Barbosa: 126)

- (18) a. **a-î-potar itá**  
 1sg-3-querer pedra  
 ‘Eu quero pedras’

- b. **a-itá-potar**  
 1sg-pedra-querer  
 ‘Eu quero pedras’ (Lemos Barbosa: 68)

13 As anáforas nas línguas tupi-guarani são orientadas para o sujeito.

A forma causativa é obtida mediante o acréscimo do prefixo *mbo/mo-* ao verbo intransitivo (ativo e não-ativo). Esse morfema licencia um argumento externo<sup>14</sup>:

- (19) a-*î-mo*-pytá                      ygara  
1sg-3-caus-parar                      canoa  
‘Eu parei a canoa/ fiz a canoa parar’                      (Lemos Barbosa: 196)

As construções aplicativas identificadas em tupinambá serão descritas e discutidas na seção 5.

A seguir, apresentamos um resumo das propostas de análise nas quais nos baseamos para a identificação e descrição das construções aplicativas nas duas línguas aqui averiguadas.

### 3 EMBASAMENTO TEÓRICO

#### 3.1 As construções aplicativas: descrição

Nos casos prototípicos, é possível descrever uma construção aplicativa como aquela em que um verbo, ao ter a ele afixado um morfema específico, licencia um objeto sintático que pode ou não fazer parte da sua grade argumental. O resultado dessa operação é a mudança de valência dos predicados. Verbos intransitivos se tornam transitivos. Os verbos transitivos se tornam bitransitivos. Os verbos originalmente bitransitivos ocorrem com dois objetos diretos.

Note-se em (20a), que o verbo *cortar* aparece com o seu complemento direto seguido por um adjunto no caso oblíquo. Em (20b), com a afixação do morfema aplicativo *-ir* ao verbo, o adjunto ocorre na forma de objeto direto:

Chichewa (Banto)

- (20) a. Fisi    *a-na-dul-a*                      chingwe                      *ndi*    *mpeni*  
          hiena    S-pass-cortar-asp                      corda                      com    faca  
          ‘A hiena cortou a corda com uma faca’
- b.        Fisi    a-na-dul-*ir*-a                      *mpeni* chingwe  
          hiena    S-pass-cortar-apl-asp                      faca    corda  
          ‘A hiena cortou (com) uma faca a corda’                      (Baker:238)

As interpretações semânticas dos objetos aplicativos podem ser várias, dependendo dos tipos dos verbos envolvidos: beneficiário, recipiente, fonte, malefactivo, instrumento, locativo, possuidor e companhia.

Nem sempre, porém, o núcleo aplicativo vem expresso fonologicamente. Este morfema pode também ser abstrato, conforme se observa nos casos de *dative shift* do inglês em que um objeto indireto ou adjunto perde a sua preposição e se coloca adjacente ao verbo, tornando-se, assim, um objeto

<sup>14</sup> Há outros morfemas causativos em tupinambá. *Uka* se agrega a verbos transitivos. O prefixo *ro-*, denominado de causativo –comitativo na literatura tupi, será abordado na seção 5, posto que é considerado um morfema aplicativo (Vieira, 2001 e 2010).

sintático, como mostra (21b). Evidência de que *John* tem estatuto de objeto direto vem do fato de que pode ocorrer como o sujeito da passiva, conforme indica (22):

(21) a. Mary bought a book *to John*

b. Mary bought *John* a book.

(22) *John* was bought a book

A seguir apresentamos duas propostas de análise referentes à derivação das construções aplicativas dentro do quadro da Gramática Gerativa. A primeira, baseada no Modelo de Regência e Vinculação, é a Mark Baker, um dos primeiros gerativistas a estudar a fundo a natureza das construções aplicativas. A segunda, defendida por Pylkkänen (2002, 2008) e Cuervo (2003), segue os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (Marantz, 1997).

### 3.2 As construções aplicativas segundo Baker (1988)

Mark Baker (1988) foi um dos primeiros linguistas a tentar explicar a natureza das construções aplicativas do ponto de vista de uma gramática de natureza formal. O investigador elaborou uma teoria centrada no processo de incorporação de núcleos para explicar as mudanças das relações gramaticais sofridas pelos sintagmas nominais em contextos de estruturas causativas, aplicativas e passivas.

Segundo Baker, a derivação das construções aplicativas envolve a incorporação de uma preposição ao núcleo verbal que a rege. Essa operação sintática altera as condições de regência para caso dos núcleos lexicais, possibilitando, assim, as mudanças das relações gramaticais dos sintagmas nominais dentro da oração.

Com base no tipo de caso atribuído aos objetos nas construções aplicativas, Baker identifica dois tipos possíveis de línguas: (i) as que possuem aplicativas simétricas em que ambos os objetos são sintaticamente ativos, podendo ser passivizados, engatilhar concordância verbal e sofrer apagamento, por exemplo; e (ii) aquelas com aplicativas assimétricas em que somente o objeto aplicativo<sup>15</sup> exibe propriedades associadas a objetos sintáticos, como poder ser passivizado, conforme ilustram os dados do chichewa a seguir:

Chichewa (Banto)

(23) a. Kalulu a-na-gul-*ir*-a                    *mbidzi* nsapato  
hare SP-past-buy-for-asp    zebras shoes  
‘The hare bought shoes for the zebras’

15 O objeto aplicativo tem seu caso atribuído estruturalmente, enquanto o objeto direto original recebe caso de modo inerente.

- b. **Mbidzi**      zi-na-gul-**ir-idw**-a      nsapato  
zebras      SP-past-buy-for-passiv-asp      shoes  
'The zebras were bought shoes'
- c. \***Nsapato**      zi-na-gul-**ir-idw**-a      mbidzi  
shoes      SP-past-buy-for-passiv-asp      zebras  
'Shoes were bought for the zebras' (Baker: 244)

Baker identifica ainda entre os tipos de estruturas aplicativas observadas, uma chamada de *possessor raising* (alçamento de possuidor) em que o DP possuidor se torna o objeto sintático do verbo. Note-se em (24a), que o possuidor genitivo se encontra dentro do DP objeto, precedido por uma preposição. Em (24b), a afixação do morfema aplicativo (uma preposição) permite que o possuidor apareça adjacente ao verbo em função de objeto sintático:

Chichewa (Banto)

- (24) a. Fisi    a-na-dy-a      **nsomba**      z-a    **kalulu**  
hyena SP-past-eat-asp      fish      agr-of hare  
'The hyena ate the hare's fish'
- b. Fisi    a-na-dy-**er**-a      **kalulu nsomba**  
hyena SP-past-eat-apl-asp      hare fish  
The hyena ate the hare's fish' (Baker: 271)

O investigador observa que há casos de *possessor raising* que não envolvem a incorporação de uma preposição ao núcleo verbal, como em (24b), mas sim a incorporação do núcleo do objeto. Em (25), o núcleo do argumento tema (o elemento possuído) se encontra incorporado ao verbo, enquanto o possuidor permanece na posição de objeto sintático, engatilhando, inclusive, concordância verbal (3M):

Mohawk (Iroquês)

- (25) wa-hi-**nuhs**-ahni:nu      **John**  
aor.-1sS/3M-house-buy      John  
'I bought John's house' (Baker: 96)

Quando há incorporação nominal visível, como em (25), dá-se o nome de *possessor stranding*, já que o núcleo nominal, ao se incorporar ao verbo, deixa o possuidor para trás em seu lugar de base.

Há línguas em que a operação de *possessor raising* é realizada pelo mecanismo de *dative shift*. Através dos dados do Kinyarwanda abaixo, percebe-se que o possuidor perde a sua preposição e se manifesta adjacente ao verbo na condição de objeto sintático, como em (26b):

Kynyarwanda (Banto)

- (26) a. Umugore      y- a-vun-nye      *ukuboko*      *k'*      *umwaana*  
woman      SP-past-break-asp      arm      of      childa  
'The woman broke the arm of the child'
- b.      Umugore      y-a-uun-nye      *umwaana*      *ukuboko*  
woman      SP-past-break-asp      child      arm  
'The woman broke the child's arm'      (Baker: 270)

Embora a teoria de Baker sobre a derivação das construções aplicativas seja muito atraente, ela, na forma em que foi elaborada em 1988, não explica, dentre outras coisas: a existência de construções aplicativas envolvendo verbos intransitivos; o fato de que *possessor stranding* se aplica não só a sintagmas no papel de possuidor, mas também a sintagmas com outros papéis temáticos, como beneficiário/recipiente e fonte; e a ocorrência de aplicativas que não são derivadas de construções correspondentes com PPs.

A proposta de análise que nos parece mais adequada para dar conta dos tipos de construções aplicativas observados nas duas línguas aqui averiguadas é a de Pylkkänen (2002, 2008) que estabelece uma tipologia de núcleos aplicativos, tipologia essa ampliada por Cuervo (2003).

### 3.3 As construções aplicativas segundo Pylkkänen (2002, 2008) e Cuervo (2003)

A fim de explicar a natureza das construções aplicativas, Pylkkänen e Cuervo baseiam as suas propostas de análise na Morfologia Distribuída (Marantz, 1997). Segundo essa teoria, assim como a categorização das palavras ocorre na sintaxe, a estrutura argumental dos predicados também é definida sintaticamente. O léxico (Lista 1) só contém raízes acategoriais, morfemas categorizadores e morfemas funcionais, tais como Det, Tempo, Comp, Voz, Causa e Aplicativo, dentre outros. Através das operações sintáticas *merge* e *move*, as raízes se combinam com os seus categorizadores e se tornam palavras de uma determinada classe (nome, verbo ou adjetivo). Os verbos assim formados também podem se combinar com núcleos funcionais que licenciam argumentos: Voz e os morfemas aplicativos. O núcleo Voz introduz um argumento externo derivando construções verbais transitivas e inergativas. Os núcleos Aplicativos licenciam um objeto extra na construção verbal que pode exibir diferentes papéis temáticos

Com base em evidências empíricas, Pylkkänen postula a existência de dois tipos de morfemas aplicativos nas línguas naturais: o Aplicativo Alto e o Aplicativo Baixo.

#### 3.3.1 Os aplicativos altos e baixos

Os morfemas Aplicativos Altos denotam uma relação entre um indivíduo e um evento descrito pelo VP. Sintaticamente, o núcleo aplicativo alto se combina com um VP como complemento e com um

DP na posição de seu especificador, como ilustra a representação (28) do exemplo (27). Neste último, *esposa* se encontra em uma relação de beneficiário com o evento expresso pelo verbo *comer*. O morfema aplicativo é chamado de alto porque se encontra estruturalmente acima do verbo:

Chaga

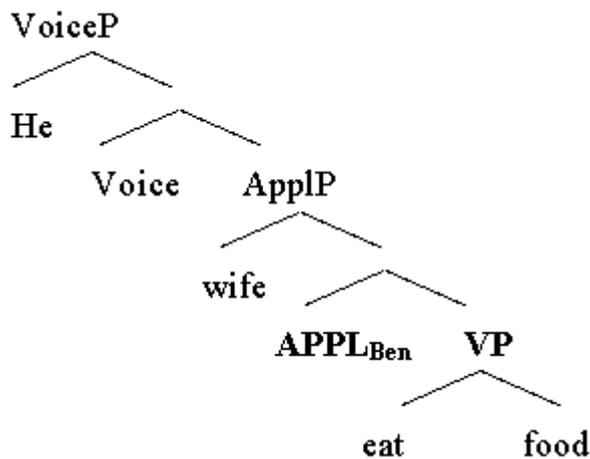
(27) N-½a-½ý-lyì-í-à *m- kà* k-él

foc-1sg-pres-eat-appl-fv I-wife 7-food

‘He is eating food (for) his *wife*’

(Pylkkänen, 2002: 17)

(28)



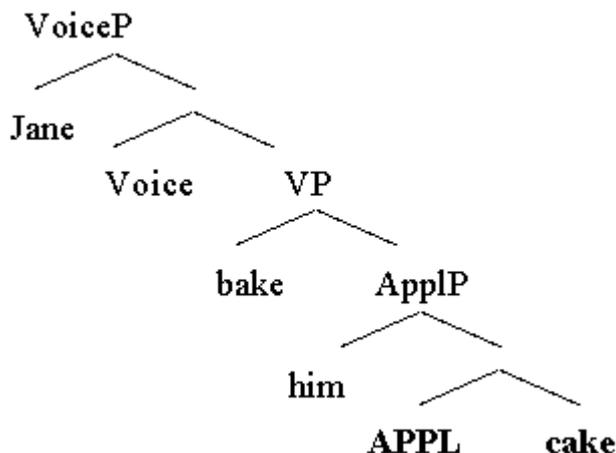
(Pylkkänen, 2002: 19)

Os núcleos aplicativos altos podem ocorrer tanto com verbos intransitivos quanto com transitivos e os objetos que licenciam exibem diferentes tipos de papéis temáticos.

Os morfemas Aplicativos Baixos denotam uma relação de transferência de posse entre dois indivíduos: o objeto aplicativo e o objeto direto. Devido à sua semântica, esses núcleos só ocorrem com verbos transitivos. Essa relação de transferência de posse é expressa sintaticamente por dois DPs: um na posição de complemento do núcleo Appl e o outro na posição [Spec, ApplP], como indica a representação (30) do exemplo (29). Neste último, *cake* é transferido para a posse de *Bill*. Esses núcleos são chamados de baixo porque são inseridos abaixo de VP:

(29) Jane baked *Bill a cake*

(30)



(Pylkkänen, 2002:19)

Além da identificação dos núcleos aplicativos Alto e Baixo, Pylkkänen postula ainda a existência de dois tipos específicos de núcleos aplicativos baixos, com base na relação estabelecida entre o objeto direto original e o objeto aplicativo.

### 3.3.2 Os dois tipos de núcleos aplicativos baixos

Pylkkänen observa que a relação de transferência de posse pode se dar em duas direções opostas: (i) *to-the-possession-of* em que a transferência de posse vai do objeto tema para o objeto aplicativo; e (ii) *from-the-possession-of* em que o objeto tema sai da posse do objeto aplicativo.

(i) **To-the-possession-of:** Este tipo de núcleo aplicativo baixo licencia um objeto no papel de recipiente: o indivíduo que recebe o referente do objeto tema.

Cuervo, ao investigar as construções com possuidor dativo do espanhol, constata que estas envolvem o morfema aplicativo baixo *to*, compatível com verbos direcionais, tais como *enviar*, *dar*, *levar*, *emprestar* e *passar*, dentre outros, e com verbos de construção, como *:cozinhar*, *assar*, *construir* e *desenhar*<sup>16</sup>. Os objetos aplicativos em contextos de verbos de criação são chamados de beneficiários. As construções com possuidor dativo do espanhol ilustram a manifestação do morfema aplicativo baixo *to*:

(31) Pablo **le** regaló una bicicleta **a Andreína** (Cuervo: 63 )

(32) Valeria **le** diseñó una pollera **a Andreína** (Cuervo: 69)  
(Andreína tem/adquiriu o desenho da saia)

(30) é a representação das construções aplicativos em (29), (31) e (32) em que o objeto direto se encontra na posição de complemento do núcleo aplicativo, ao passo que o objeto aplicativo é

16 Conforme afirma Cuervo (2003:69), "embora esses verbos de atividade não sejam de transferência de posse, o argumento dativo é relacionado ao tema".

licenciado na posição de especificador.

(ii) **From-the-possession-of:** O aplicativo baixo do tipo *from* introduz um objeto no papel de fonte e o relaciona ao objeto tema. O objeto licenciado por este tipo de núcleo perde algo de sua posse. Essa perda pode ser literal (*Daniel gave Stephanie a tagine*) ou metafórica (*Daniel showed Stephanie a tagine*)<sup>17</sup>.

O aplicativo *from* ocorre com verbos direcionais de transferência de posse invertida, como *roubar*, *tirar*, *extrair*, dentre outros, conforme sugere Cuervo. Pylkkänen não especifica os verbos compatíveis com esse tipo de morfema, mas dá exemplos no hebraico com verbos causativos<sup>18</sup>, como *quebrar*.

Tanto em hebraico quanto em espanhol, o núcleo aplicativo do tipo *from* é expresso pelas construções com possuidor dativo, como ilustram os exemplos (33) e (34):

(33) Ha-yalda      kilkela **le-Dan et**      **ha-radio.**  
the-girl      spoiled-to-Dan Acc      the-radio  
'The girl broke Dan's radio on him'      (Pylkkänen:43)

(34) Pablo **le** robô **la bicicleta a Andreina**  
(Tirou a bicicleta da posse de Andreina)      (Cuervo: 63)

Em termos sintáticos, o dativo tem comportamento de argumento do verbo, mas em termos semânticos tem uma relação de posse com o objeto tema. Devido a essa interpretação de posse nas construções com possuidor dativo do hebraico, Landau (1999) sugere que o argumento dativo é, na verdade o possuidor genitivo que se desloca da posição de especificador do objeto direto para uma posição de caso acima do VP. Assim, para este autor, estruturas com possuidor dativo são derivadas de construções com sintagmas genitivos.

Pylkkänen observa, contudo, que o dativo não tem só uma interpretação semântica de possuidor, mas também é interpretado como argumento afetado. A investigadora tenta explicitar, então, a diferença entre uma construção com possuidor dativo e uma com possuidor genitivo da seguinte forma: somente na primeira tem-se a leitura de que na hora do evento, o referente do dativo estava de posse do objeto tema. Em (35a), a leitura é de que na hora do roubo, *Mary* tinha o objeto roubado em sua posse. Em (35b), como o sintagma genitivo só tem uma ideia de posse. Não se tem essa leitura de que o objeto tema estava com *Mary* no momento em que o evento aconteceu:

(35) a. Possessor Dative: I stole the keys from Mary's possession.  
b. Genitivo: I stole Mary's keys.      (Pylkkänen, 2002: 46)

Para provar que o dativo não é o sintagma genitivo extraído da posição de objeto, como sustenta Landau, Pylkkänen mostra que, nessas construções, é possível preencher a posição sintática de possuidor. Essa mesma possibilidade é verificada nas construções com possuidor dativo do espanhol:

<sup>17</sup> Exemplos de Cuervo (2003:66).

<sup>18</sup> Cuervo postula mais um tipo de núcleo aplicativo – o argumento afetado – que ocorre com verbos causativos. Este tipo não está sendo considerado aqui.



Trata-se do aplicativo com significado de posse estática (*at*). Este núcleo relaciona dois objetos em termos de posse, em contextos de verbos que, apesar de dinâmicos, não expressam direcionalidade, como *lavar*, *beijar* e *operar*<sup>20</sup>. Esse núcleo também se manifesta com verbos estativos, como *admirar*, *conhecer*, *ver* etc. Nos exemplos abaixo, observa-se que não há relação de transferência de posse entre o objeto direto e o objeto aplicativo. O dativo é interpretado apenas como possuidor do objeto tema:

(40) Pablo *le* besó *la frente a Valeria* (Cuervo: 63)

(41) Pablo *le* admira *la paciencia a Valeria* (Cuervo: 73)

A estrutura com o argumento dativo em espanhol tem uma contraparte alternativa com a preposição de caso genitivo *de*:

(42) Pablo admira *la paciencia de Valeria* (Cuervo: 74)

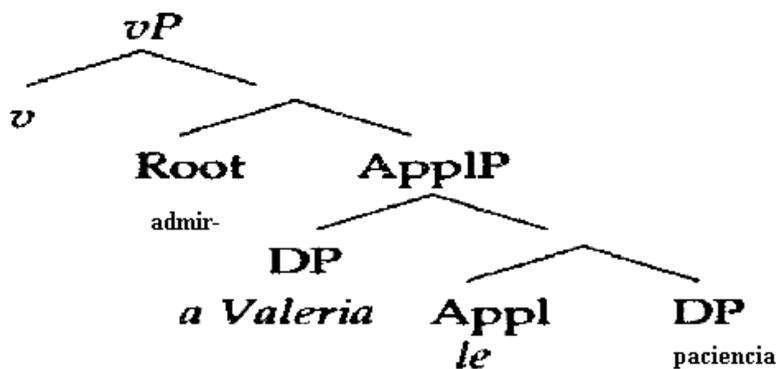
A diferença entre a construção com dativo e a com genitivo é que nesta última, o DP *Valeria* é parte do objeto tema e não está relacionado com o verbo. Já na construção dativa, esse DP é um argumento que, depois de combinado com o objeto tema, se relaciona com o verbo como complemento sintático.

Ao contrário do que ocorre nas construções aplicativos do tipo *from*, as construções com o aplicativo *at* não permitem a presença de um sintagma no papel de possuidor, como mostra a agramaticalidade de (43). Essa restrição mostra que o dativo, nesses contextos, tem papel de possuidor:

(43) \*Pablo *le* lavo *el auto de la vecina a Valeria*

A representação proposta por Cuervo para o aplicativo do tipo posse estática é (44).

(44)



(Cuervo: 76)

Passamos agora à apresentação dos dados coletados do CG referentes às construções aplicativos baixas, à luz da tipologia de Pylkkänen e de Cuervo.

<sup>20</sup> Segundo Cuervo, em alguns contextos, esses possuidores dativos são também interpretados como argumentos afetados, mas essa afetação está vinculada à semântica do verbo ou a fatores pragmáticos. Com verbos não direcionais, como *lavar*, o possuidor dativo pode ser interpretado como afetado se o objeto tema for afetado também (= *lavou-me as mãos*).

## 4 AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS EM CG

A nossa investigação sobre as construções aplicativas do CG foi iniciada devido à observação da possibilidade de o sujeito da passiva apresentar diferentes interpretações temáticas. Versões de passivas do português para o CG, como *O bolo foi assado por Jon* ou *O sofá foi estragado pelo gato* eram dadas pelos informantes consultados com sujeitos nos papéis de recipiente/beneficiário, (45), e de possuidor, (46):

(45) **Jon** isadu bulu  
Jon assado bolo  
'Ao John foi assado o bolo'

(46) **Gatu** danadu sofá  
  
Gato estragado sofá  
  
'O sofá do gato foi estragado'

A questão era explicar essa ocorrência de sujeitos da passiva com diferentes interpretações temáticas. Em Castro (2013)<sup>21</sup>, já havíamos constatado a existência em CG de estruturas do tipo *dative shift* em que o objeto indireto perde a preposição e se coloca adjacente ao verbo, como mostra (47b). Assumimos, então, que se tratava de uma construção aplicativa:

(47) a. Jon da iagu **pa** **kavalu**  
João dar água para cavalo  
'João deu água ao cavalo'

b. Jon da **kavalu** iagu  
João dar cavalo água  
'João deu (ao) cavalo água'

Como, ao nos deparar com dados dos tipos (45) e (46), já tínhamos conhecimento da existência de *dative shift* em CG, desconfiamos que a interpretação dessas passivas deveria estar relacionada a construções aplicativas expressas através de *dative -shift*. Testamos, então, as possibilidades de aplicação de *dative-shift* em outras construções transitivas com os mais variados tipos de papel temático. Constatamos, então, que, além de predicados com sintagmas nos papéis de recipiente/beneficiário, como em (47) e (48), era possível aplicar *dative shift* a estruturas com sintagmas nos papéis temáticos de fonte e possuidor:

### Beneficiário/recipiente

(48) a. Ami n kumpu un kasa **pa** **nha** **mame**  
Eu eu comprar uma casa para minha mãe'  
'Eu comprei uma casa para minha mãe'

21 Kihm (1994) menciona a existência de estruturas de objeto duplo (*Double Object Constructions*) no crioulo guineense, mas não as associa às estruturas aplicativas.

- b. Ami n kumpu **nha mame** un kasa  
 eu eu comprar minha mãe casa  
 ‘Eu comprei uma casa (para) minha mãe’

### Fonte

- (49) a. Pedro pega dinheru **di si fidju**  
 Pedro pegar dinheiro de seu filho  
 ‘Pedro pegou dinheiro de seu filho’

- b. Pedro pega **si fidju** dinheiro  
 Pedro pegar seu filho dinheiro  
 ‘Pedro pegou dinheiro (de) seu filho’ (o dinheiro que estava com seu filho)

### Possuidor

- (50) a. Maria kebra vasu **di omi**  
 Maria quebrar vaso de homem  
 ‘Maria quebrou o vaso do homem’

- b. Maria kebra **omi** vasu.  
 Maria quebrar homem vaso  
 ‘Maria quebrou o vaso (d)o homem’

Assim, a interpretação das passivas, inicialmente *misteriosas*, se tornou transparente. Estas passivas têm como origem construções aplicativas como as dos exemplos (b) acima. Com base nos dados coletados, identificamos, então, em CG, a ocorrência dos três tipos de aplicativos baixos postulados por Pyllkkänen e Cuervo; morfemas esses que derivam as estruturas em (b).

#### 4.1 As construções aplicativas do tipo *to-the-possession-of* (recipiente/ beneficiário)

Observamos que verbos direcionais, como *dar*, *emprestar*, *mandar*, e *enviar*, e verbos de criação, como *cozinhar*, *assar* e *preparar* participam da alternância dativa, como ilustram os dados a seguir:

- (51) a. Maria pista libru **pa Jon**  
 Maria emprestar livro para Jon  
 ‘Maria emprestou livro para Jon’

- b. Maria pista **Jon** libru  
 Maria emprestar Jon livro  
 ‘Maria emprestou (para) Jon livro’

- (52) a. Ami manda karta *pa* *Ana*  
 Eu mandar carta para Ana  
 ‘Eu mandei uma carta para Ana’
- b. Ami manda *Ana* karta  
 Eu mandar Ana carta  
 ‘Eu mandei uma carta (para) Ana.’
- (53) a. Ami n purpara keiju *pa* *nha* *ermoms*  
 Eu eu preparar queijo para meus irmãos  
 ‘Eu preparei queijo para os meus irmãos’
- b. Ami n purprara *nha* *ermoms* keiju  
 Eu eu preparar meus irmãos queijo  
 ‘Eu preparei (para) meus irmãos queijo’

Não assumimos aqui que as estruturas em (b) sejam derivadas das estruturas em (a), uma vez que elas apresentam interpretações diferentes. As construções com *dative shift* são derivadas dos três aplicativos baixos, assim como postulados por Pylkkänen e por Cuervo.

Constatamos que as passivas relacionadas a essas aplicativos são do tipo assimétricas, visto que somente o objeto aplicativo pode ser passivizado, como indica a agramaticalidade das construções em (b). Talvez esse comportamento diferenciado entre objeto aplicativo e objeto tema pode estar relacionado ao tipo de caso conferido a cada um. Só o objeto aplicativo parece ter caso estrutural porque é o único sintaticamente ativo:

- (54) a. *Jon* pistadu libru  
 Jon emprestado livro  
 ‘Ao Jon foi emprestado o livro’
- b. \**Libru* pistado Jon  
 livro emprestado Jon  
 ‘O livro foi emprestado (ao) Jon’
- (55) a. *Ana* mandadu karta  
 Ana mandado carta  
 ‘A Ana foi mandada a carta’
- b. \**Karta* mandadu Ana  
 carta mandado Ana  
 ‘A carta foi mandada (para) Ana’

- (56) a. *Nha ermons* purparadu keiju  
 Meus irmãos preparado queijo  
 ‘Aos meus irmãos foi preparado queijo’
- b. \**Keiju* purparadu nha ermons  
 queijo preparado meus irmãos  
 ‘O queijo foi preparado (aos) meus irmãos’

#### 4.2 Os aplicativos do tipo *from-the-possession-of* (fonte):

O outro tipo de núcleo aplicativo baixo identificado em CG introduz um objeto no papel de fonte. A leitura obtida nesse tipo de construção é de que o referente do objeto tema é retirado da posse do objeto fonte no ato do evento. Os verbos compatíveis com este tipo de aplicativo são: *roubar, pegar, tirar, rasgar e quebrar*:

- (57) Omi pega *Maria* bolsa  
 omi pegar Maria bolsa  
 ‘O homem pegou (da posse de) Maria a bolsa’
- (58) Ladronroba *Pedru* bicicleta  
 ladrão roubar Pedru bicicleta  
 ‘O ladrão roubou (da posse de) Pedro a bicicleta’

Uma evidência de que o objeto aplicativo não é um mero possuidor nas aplicativos do tipo *from* vem do fato de que é possível inserir um sintagma genitivo na construção, assim como ocorre em hebraico e em espanhol:

- (59) Omi roba *Maria nha bolsa*  
 homem roubar Maria minha bolsa  
 ‘O homem roubou (da posse de) Maria a minha bolsa’
- (60) Omi roba *Maria karru di si mame*  
 homem roubar Maria carro de sua mãe  
 ‘O homem roubou (da posse de) Maria o carro de sua mãe’
- (61) Mindjer rompi *Ana ropa di Maria*  
 mulher rasgar Ana roupa de Maria  
 ‘A mulher rasgou (da posse de) Ana o vestido de Maria’

A interpretação de fonte conferida ao objeto aplicativo é vista ainda de maneira mais clara quando este se torna o sujeito da passiva:

- (62) *Ana* robadu *nha bolsa*  
 Ana roubada minha bolsa  
 ‘Da Ana, foi roubada a minha bolsa’
- (63) *Ana* rompidu *vistidu di Maria*  
 Ana rasgado vestido de Maria  
 ‘Da Ana, foi rasgado o vestido de Maria’ (quando Ana estava usando)
- (64) *I* furtadu *si galinhas*  
 Ele furtado suas galinhas  
 ‘Dele, foram furtadas as suas galinhas’  
 ‘He had a chicken stolen *from* him’ (Kihm, 1994:245)
- (65) *Maria* kebradu *vasu di omi*  
 Maria quebrado vaso de homem  
 ‘Da Maria, foi quebrado o vaso do homem’

### 4.3 As construções aplicativas do tipo posse estática (*at*)

Para Cuervo (2003), o aplicativo estático estabelece apenas uma relação de posse entre o objeto aplicativo e o objeto tema. De acordo com a autora, essa relação é obtida em contextos de verbos estativos, como *admirar* e *invejar*, e de verbos de atividade não-direcionais, como: *beijar*, *lavar* e *morder*. Os dados do CG abaixo ilustram a ocorrência desse tipo de aplicativo que expressa posse estática. A interpretação do objeto aplicativo é sempre de possuidor. Abaixo comparamos as construções aplicativas com as que contêm um possuidor genitivo:

- (66) Maria laba *mininu mon*  
 Maria lavar menino mão  
 ‘Maria lavou a mão do menino’
- (67) a. Mindjer beja *fidju di Maria*  
 mulher beijar filho de Maria  
 ‘A mulher beijou o filho de Maria’
- b. Mindjer beja *Maria fidju*  
 mulher beijar Maria filho  
 ‘A mulher beijou o filho da Maria’
- (68) a. Katchur murdi *sapatu di omi*  
 cachorro morder sapato de homem  
 ‘O cachorro mordeu o sapato do homem’

b. Katchur murdi *omi sapatu*  
 cachorro morder homem sapato  
 ‘O cachorro mordeu (do) homem o sapato’

(69) a Jon dimira *djiresa di Maria*  
 Jon admirar inteligência de Maria  
 ‘Jon admira a inteligência da Maria’

b. Jon dimira *Maria djiresa*  
 Jon admirar Maria inteligência  
 ‘Jon admira a inteligência da Maria’

Como esses objetos aplicativos têm papel de possuidor, não é possível acrescentar um outro sintagma genitivo, conforme mostra a agramaticalidade das versões passivas deste tipo de construção applicativa:

(70) a. *Maria* bejadu *fidju*  
 Maria beijado filho  
 ‘O filho da Maria foi beijado’

b. \**Maria* bejadu *fidju di Pedro*  
 Maria beijado filho de Pedro  
 ‘O filho de Pedro de Maria foi beijado’

(71) a. *Omi* mordidu *sapatu*  
 homem mordido sapato  
 ‘O sapato do homem foi mordido’

b. \**Omi* mordidu *sapatu di mindjer*  
 Homem mordido sapato de mulher  
 ‘O sapato da mulher do homem foi mordido’

#### 4.4 Ambiguidade

Devido ao fato de esses três tipos de núcleos aplicativos terem a mesma expressão morfológica e sintática, *dative shift*, os contextos com verbos não especificados para a direcionalidade de transferência de posse podem ser ambíguos, como podemos constatar com os verbos *comprar* e *vender*:

(72) Maria kumpra *Jon karru*  
 a. Maria comprou o carro para Jon (recipiente/ beneficiário)  
 b. Maria comprou o carro do Jon (fonte) (Jon o vendeu).

(73) *Jon* kumpradu *karru*  
 a. Para Jon foi comprado o carro (recipiente/beneficiário)  
 b. Do Jon foi comprado o carro (fonte).

Percebemos, através dos dados levantados, que em contexto de verbos causativos, também se observa ambiguidade em relação ao papel temático do objeto aplicativo. Este pode ser interpretado como fonte ou como possuidor, conforme indica (74). A ambiguidade se desfaz quando outro possuidor ocorre, (75):

(74) *Maria* kebradu *vasu*

- a. O vaso da Maria foi quebrado
- b. Da Maria, foi quebrado o vaso.

(75) *Maria* kebradu *vasu di omi*

Maria quebrado vaso de homem

‘(Da posse de) Maria, foi quebrado o vaso do homem’

Com verbos de atividade não-direcionais, a única leitura possível é de posse estática. Este é o caso do verbo *lavar*:

(76) *Omi* labadu *ropa*.

- a. A roupa do homem foi lavada.
- b. \*A roupa foi lavada para o homem.

Na próxima seção descrevemos os dados referentes às construções aplicativos identificadas nos dados do tupinambá observados.

## 5 AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS BAIXAS EM TUPINAMBÁ

Buscar evidências para a existência de diferentes tipos de construções aplicativos em tupinambá, é uma tarefa árdua, uma vez que se trata de uma língua já extinta, com registros linguísticos limitados para esse tipo de investigação. Porém, por meio da observação dos dados secundários disponíveis, pudemos identificar construções que parecem ser derivadas da presença de morfemas aplicativos.

Em Vieira (2001), sugerimos que as línguas da família tupi-guarani têm um morfema fonologicamente visível que pode ser classificado como aplicativo. Trata-se do morfema chamado na literatura de causativo- comitativo. Observamos que tal morfema tem como função principal licenciar um objeto na estrutura verbal intransitiva, conforme ilustram os dados em (77) e (78). Os exemplos (a) exibem os verbos intransitivos em suas formas básicas. Nos exemplos em (b), após a inserção do afixo aplicativo *ro-* à morfologia verbal, um objeto com significado de companhia é licenciado<sup>22</sup>:

(77) a. *o-pytá*

3-parar

‘Ele parou’

(Lemos Barbosa: 128)

22 Os prefixos de objeto de 3ª pessoa não coocorrem com o aplicativo *ro-*, apesar de a construção se tornar transitiva.

- b. a-*ro-pytá*      *ygara*  
 1-apl-parar      canoa  
 ‘Eu parei (com) a canoa’ (Lemos Barbosa :196)

- (78) a. a-*ker*  
 1sg-dormir  
 ‘Eu dormi’

- b. a-*ro-ker*                      *aoba*  
 1sg-apl-dormir                  roupa  
 ‘Eu dormi (com) a roupa’ (Lemos Barbosa: 196 )

Em Vieira (2010), com base em Pykkänen (2002, 2008), assumimos que *ro-* é um morfema do tipo aplicativo alto que relaciona um indivíduo a um evento. O resultado da combinação [verbo intransitivo + *ro-*] é uma construção transitiva em que o objeto licenciado pode ter diferentes papéis temáticos, dependendo do significado da raiz verbal e do contexto sintático em que é inserido.

Ainda conforme Vieira (2010), sugerimos que a manifestação de um morfema aplicativo também é verificada em contextos de incorporação nominal do tipo *possessor stranding* onde o núcleo do objeto tema é incorporado ao verbo, deixando em sua posição original um sintagma na função de objeto sintático. Note-se em (79a) que o objeto direto é seguido pelo objeto indireto. Já em (79b), o núcleo do objeto direto ocorre incorporado ao verbo e o objeto indireto, ao perder a sua posposição, passa a se comportar como objeto sintático independente, podendo, assim, engatilhar concordância verbal:

- (79) a. a-*î<sub>i</sub>-meeng*      [*kó*]<sub>i</sub>      *xe-r-uba pe*  
 1sg-3-dar      roça      1sg-rel-pai para  
 ‘Dei roça a meu pai’ (Lemos Barbosa: 73)

- b. a-*î<sub>i</sub>-kó-meeng*                  [*xe-r-uba*]<sub>i</sub>  
 1sg-3-roça-dar                  1sg-rel-pai  
 ‘Dei roça (a) meu pai’ (Lemos Barbosa:206 )

Dados como (79b) nos levaram a postular, à luz da tipologia de Pykkänen, a existência de um núcleo aplicativo baixo do tipo *to* para línguas como o tupinambá e guarani (Vieira, 2010).

Em nossa busca por evidências para a manifestação de morfemas aplicativos, encontramos dados que parecem indicar a existência de outros tipos: *from* e *at*

A expressão morfológica e sintática das três construções aplicativos é a mesma. Há incorporação nominal a partir do objeto tema e o objeto aplicativo assume função de objeto sintático, desencadeando, concordância verbal. Essas construções são do tipo *possessor stranding*. Sugerimos que a incorporação nominal nesses casos, se deve ao fato de que no tupinambá, estruturas com objeto duplo não são permitidas. Esse impedimento pode ser explicado por fatores relacionados à checagem de caso. É

provável que apenas um caso estrutural esteja disponível para o objeto. Em decorrência deste fato, o núcleo do objeto tema tem que sofrer incorporação, visto que um nome incorporado não necessita de caso, conforme afirma Baker (1988). Assim, o objeto aplicativo pode checar o caso acusativo disponível, fato esse evidenciado pela possibilidade deste de engatilhar concordância verbal.

Vejamos cada tipo de núcleo aplicativo baixo identificado em tupinambá.

### 5.1 As construções aplicativos do tipo *to-the-possession-of*

Em tupinambá, o verbo bitransitivo *dar*, por exemplo, pode se manifestar de diversos modos: (i) com a sua estrutura argumental completa onde a concordância verbal é engatilhada tanto pelo sujeito quanto pelo objeto direto, (80a); (ii) com objeto direto nulo e objeto indireto, (80b); (iii) com o objeto direto incorporado, o que resulta em uma construção intransitiva, e com o objeto indireto ainda introduzido pela posposição, como em (80c); e (iv), com o objeto direto incorporado e o objeto indireto sem posposição, agora em função de objeto sintático, engatilhando, inclusive, concordância verbal, (80d):

(80) a. a-î<sub>1</sub>-meeng [ita]<sub>i</sub> nde r-uba pe  
 1sg-3-dar pedra 2sg rel-pai para  
 ‘Dei pedra **a meu pai**’ (Lemos Barbosa: 74)

b. a-î-meeng nde r-uba supé  
 1sg-3-dar 2sg rel-pai para  
 ‘Dei-a **a meu pai**’ (Lemos Barbosa: 73)

c. o-kó-meeng Itaiyba supé  
 3-roça-dar Itajiba para  
 ‘Deu roça **a Itajiba**’ (Lemos Barbosa: 283)

d. o-î<sub>1</sub>-kó-meeng [Itajiba]<sub>i</sub>  
 3-3-roça-dar Itajiba  
 ‘Deu roça **a Itajiba**’ (Lemos Barbosa : 283)

Além do verbo *dar*, outros tipos de verbos, como *fazer* e *consertar*, foram verificados em combinação com o morfema aplicativo abstrato *to* que introduz um objeto com papel de recipiente. A noção de transferência de posse pode ser metafórica.

Note-se que Lemos Barbosa (1956) utiliza duas preposições (*a* e *de*) para traduzir para o português esse tipo de construção, como nos dados (81) e (82). Essa dupla regência parece ser um recurso de tradução utilizado pelo autor para poder passar a ideia de que tais estruturas expressam direcionalidade de transferência de posse (*to*). Os outros autores consultados, Anchieta (1595) e Figueira (1687), empregam apenas a preposição *a* para definir o significado desse tipo de aplicativo. Em todos os casos abaixo, o objeto aplicativo desencadeia concordância verbal:

(81) a-î<sub>1</sub>-*kó*-meeng [*xe-r-uba*]<sub>i</sub>  
 1sg-3-roça-dar 1sg- rel- pai  
 ‘Dei roça **a (de) meu pai**’ (Lemos Barbosa: 206)

(82) a-î<sub>1</sub>-*kó*-monhang [*xe r-uba*]<sub>i</sub>  
 1sg-3-roça-fazer 1sg rel-pai  
 ‘Fiz roça **a (de) meu pai**’ (Lemos Barbosa: 206)

(83) a-î<sub>1</sub>-*tapûi*-mongaturõ [*xe-cyg*]<sub>i</sub>  
 1sg-3-choupana-consertar 1sg-mãe  
 ‘Consertei a choupana **a minha mãe**’ (Figueira:88)

Note-se também que não há restrição de animacidade quanto ao argumento no papel de recipiente, como mostra o exemplo a seguir envolvendo um sintagma com o traço [-animado]<sup>23</sup>:

(84) a-s-*apé*-monhang *amaná*  
 1sg-3-caminho-fazer chuva  
 ‘Fiz um caminho à **(da) chuva**’ (Lemos Barbosa: 206)

Estruturas semelhantes são encontradas em contextos com o verbo leve *rung*. Este verbo só ocorre com objetos incorporados e adquire o seu significado dentro da estrutura em que se insere. Observe-se que estruturas como essas mostram que as construções aplicativas não são derivadas de suas contrapartes com PPs. Não há com o verbo *rung* uma versão alternativa em que figure um sintagma introduzido por uma posposição:

(85) e-î<sub>1</sub>-*kó*-rung *nde mena*  
 2sg-3-rung 2sposs marido  
 ‘Faze a roça **para teu marido**’

(86) a-î<sub>1</sub>-*ty*’-rung *soó*  
 1sg-3-acompanhamento-rung carne  
 ‘Pus acompanhamento à carne’

(87) î a-t-*upá*’-rung *abati*  
 1pl-3-lugar-rung milho  
 ‘Arranjamos lugar **para o milho**’ (Lemos Barbosa :210)

## 5.2 As construções aplicativas do tipo *from-the-possession -of*

Em Vieira (2010), mencionamos sobre a possibilidade de existência de um aplicativo baixo do tipo *from* em tupinambá. Percebemos agora que esse tipo de construção aplicativa é restrito à posse inalienável. Isto é, o objeto tema faz parte da composição física do argumento com papel de fonte.

<sup>23</sup> Cuervo (:101) mostra que nas construções com possuidor dativo do espanhol, o objeto no papel de recipiente pode também ser [-animado]:

(i) Pablo le puse azúcar al mate.  
 Em (i), o *mate* é o recipiente *do açúcar*.

Os verbos identificados como compatíveis com este tipo de núcleo aplicativo são: *arrancar/retirar; furar/ cortar e quebrar*. Na tradução dessas aplicativos para o português, os autores das gramáticas de onde os dados foram retirados, fazem uso da preposição *a*.

Lemos Barbosa, contudo, também emprega a preposição *de*, talvez para dar ideia da retirada do objeto tema da posse do objeto fonte. Em todos os dados abaixo, tem-se uma interpretação de dano causado ao objeto com papel de fonte (*arrancar/tirar cabeça, cortar/extrair/furar a mão, quebrar/destruir a boca*):

(88) a-î-*akang*-ok                      *mboîa*  
 1sg-3-cabeça-arrancar              cobra  
 ‘Arranquei/cortei a cabeça à **(da) cobra**’                      (Lemos Barbosa: 205)

(89) a-i-*pó*-cotúc                      *Pedru*  
 1sg-3-mão-cortar              Pedro  
 ‘Eu cortei a mão **a Pedro**’                      (Anchieta: 50)

(90) a-y-îuru-mopen                      *nheegixoera*  
 1sg-3-boca-quebrar              bacharel  
 ‘Eu quebrei a boca **a um bacharel**’                      (Figueira: 88)

Em (91a) e (92a) abaixo, tem-se sintagmas genitivos cujas traduções incluem a preposição possessiva do português. Já em (91b) e (92b), com base na tradução e na estrutura sintática empregada, é possível sugerir que o papel temático do objeto aplicativo não é o de um mero possuidor, mas sim de fonte, de onde uma parte do corpo (o objeto tema) foi danificada:

(91) a. a-î-kutuk              *xe-r-eimbaba*                      *nambi*  
 1sg-3-furar              1sg-rel-criação                      orelha  
 ‘Furo as orelhas **da minha criação**’                      (Lemos Barbosa: 207)

b. a-î-*nambi*-kutuk                      *xe-r-eimbaba*  
 1sg-3-orelha-furar              1sg-rel-criação  
 ‘Furo orelha à **(da) minha criação**’                      (Lemos Barbosa: 205)

(92) a. o-î-kutuk              *xe-r-embé*  
 3-3-furar              1sg-rel-lábios  
 ‘Ele furou **os meus lábios**’

b. *xe-r-embé*-kutuk  
 1sg-rel-lábio-furar  
 ‘Furou-**me** os lábios’                      (Lemos Barbosa: 206)  
 (De mim, furou os lábios)

### 5.3 As construções aplicativas do tipo posse estática

Há poucos dados disponíveis em tupinambá em que o objeto aplicativo pode ser interpretado sem ambigüidade como um mero possuidor. Este é o caso do verbo de estado *ver* em (93b), em que a única leitura possível para o objeto aplicativo é a de possuidor:

(93) a. ere-s-epîak    pe    *morubixaba r-ayra*  
2sg-3-ver    int    chefe rel-filho  
‘Você viu o filho do chefe?’ (Lemos Barbosa: 207)

b. ere-t-ayr-epîak    pe    *morubixaba?*  
2sg-3-filho-ver    int    chefe  
‘Você viu o filho **do chefe**?’ (Lemos Barbosa:207)

Outro verbo que podemos sugerir que ocorre com esse tipo de aplicativo baixo e que denota posse estática seria *bater*, um verbo de atividade não-direcional:

(94) a-t-*ai*-nupã    *xe-aituaçába*  
1sg-3-filho-bater    1sg-compadre  
‘Açoito o filho **do meu compadre**’ (Figueira:88)

Em contextos com o verbo *dar*, parece haver uma diferença morfossintática entre duas interpretações temáticas que o objeto aplicativo pode ter. Em uma, o objeto aplicativo recebe o papel de recipiente, como nos exemplos em (a) abaixo. Neste caso, na morfologia verbal há um afixo que expressa concordância com o objeto recipiente. Na outra estrutura, o objeto aplicativo recebe a interpretação de possuidor, conforme mostram os exemplos em (b). Note-se que, nessas aplicativas, é o possuidor que desencadeia concordância verbal. O objeto no papel de recipiente não pode se manifestar sintaticamente, mas fica apenas subentendido. Nestes casos, a morfologia verbal apresenta duas marcas de 3ª pessoa, uma delas expressa concordância com o objeto sintático- o possuidor. A outra marca mais próxima ao verbo indica apenas posse:<sup>24</sup>

(95) a. a-î-*kó*-memeng    *xe-r-uba*  
1sg-3-roça-dar    1sg-rel-pai  
‘Dei roça **a meu pai**’

b. a-î-*i-kó*-memeng    *xe-r-uba*  
1sg-3-3-roça-dar    1sg-rel-pai  
‘Dei a roça **do meu pai** ( a outro)’

(96) a. a-t-*ay*’-meeng    *xe-mena* .  
1sg-3-filho-dar    1sg-marido  
‘Dei filhos **a meu marido**’

24 Na morfologia verbal só há dois lugares para concordância: a do sujeito e do objeto.

b. a î-t-**ay**'-meeng      **xe -mena**  
 1sg-3-3-filho              1sg-marido  
 'Dei os filhos **do meu marido** (a outro)'                      (Lemos Barbosa: 206)

(97) a. a-i-**ao**-mêeng      **Pedro**  
 1sg-3-roupa -dar      Pedro  
 'Dei roupas **a Pedro**'

b. a-i-**j-ao**-mêeng      **Pedro**  
 1sg-3-3-roupa-dar      Pedro  
 'Dei as roupas **de Pedro** (a outro)'                      (Anchieta: 50)

Essa variação nas propriedades morfosintáticas associadas a diferentes interpretações temáticas do objeto sintático nas duas construções acima, parece indicar que há dois núcleos aplicativos baixos em tupinambá: um do tipo *to* (recipiente), como exemplificado em (a), e outro do tipo *at* (possuidor), como exemplificado em (b).

## 6. CONCLUSÃO

Através da observação dos dados do CG e do tupinambá, identificamos os três tipos de morfemas aplicativos postulados por Pylkkänen (2002, 2008) e por Cuervo (2003).

Esses diferentes tipos de núcleos aplicativos não são expressos por um morfema fonologicamente realizado em nenhuma das duas línguas. São morfemas aplicativos abstratos.

O CG, língua do tipo isolante, faz uso de estruturas com *dative shift* para a expressão dos três tipos de aplicativos:

(98) Ana    pista              **Jon    libru    di              Maria    (to-recipiente)**  
 Ana    emprestar      Jon    livro    da              Maria'  
 'Ana emprestou ao Jon o livro da Maria'

(99) Omi              roba    **Maria nha    bolsa              (from-fonte)**  
 homem              roubar    Maria    minha    bolsa  
 'O homem roubou da Maria a minha bolsa'

(100) Ami    n              laba    **omi              ropa              (at-possuidor)**  
 Eu    eu              lavar    homem              roupa  
 'Eu lavei a roupa do homem'

O tupinambá, língua do tipo incorporante /aglutinante, recorre a estruturas com incorporação nominal do tipo *possessor stranding* para codificar os três tipos de núcleos aplicativos:

- (101) a-î-*kó*-meeng      *xe-mena*      (*to-recipient*)  
 1sg-3-roça-dar      1sg-marido  
 ‘Dei roça a (de) meu marido’
- (102) a-î- *akang-ok*      *mboîa*      (*from-fonte*)  
 1sg-3-cabeça-arrancar      cobra  
 ‘Corto/arranco a cabeça à (da) cobra’
- (103) a-î-i-*kó*-meeng      *xe-r-uba*      (*at-possuidor*)  
 1sg-3-3-roça-dar      1sg-rel-pai  
 ‘Dei a roça de meu pai (a outro)’      (Lemos Barbosa: 206)

O núcleo aplicativo alto não foi verificado em CG. Em tupinambá, esse morfema foi identificado em Vieira (2001, 2010) em contextos do chamado causativo-comitativo *ro-*. Esse tipo de morfema aplicativo seleciona apenas verbos intransitivos ou intransitivizados, como mostra o dado a seguir em que o verbo *ver* foi intransitivizado por incorporação nominal e, assim, pode ocorrer com *ro*:

- (104) ere-*ro*-ybak-êpiak      pe      *mitanga?*  
 2sg-apl-céu-ver      int      criança  
 ‘Você viu o céu com a criança?’      (Lemos Barbosa: 199)

Os dados aqui apresentados referentes às estruturas aplicativas do CG e do tupinambá constituem evidências a favor da existência da tipologia de núcleos aplicativos postulada por Pylkkänen. Também confirmam a existência de um morfema aplicativo baixo do tipo posse estática, assim como sugerido por Cuervo.

Esses dados reforçam ainda a ideia assumida pela Morfologia Distribuída de que a estrutura argumental dos predicados é construída sintaticamente com o auxílio de núcleos funcionais, licenciadores de argumentos específicos, como os diversos tipos de morfemas aplicativos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, J. Pe. (1595). *Arte de grammatical da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra.
- BAKER, M. C. (1988). *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (1998). *The polysynthesis parameter*. Oxford, Oxford University Press.
- BAPTISTA, M. (2002). *The syntax of Cape Verdean Creole*. Amsterdam/ Filadélfia, John Benjamins.
- CASTRO, P. P. (2017). *Aplicativas, infinitivas e periferia esquerda na língua crioula de Guiné-*

Bissau. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2013). *As construções interrogativas, de tópico e de foco na língua crioula de Guiné-Bissau*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2012). CP e IP cindidos: evidências da língua crioula de Guiné-Bissau. *Papia*, v.22, n. 2, p. 307-322.

CHATAIGNER, A. (1963). Le créole portugais du Senegal: observations et texts. *Journal of African Languages*, vol. 2, n. 1.

COUTO, H. H. (1996) *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 341 p.

\_\_\_\_\_. (1994). *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Buske. 152 p.

\_\_\_\_\_. (1989). O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas. *Linguística XXIX*. p.107-12

CUERVO, M. C. (2003). *Datives at large*. Tese de doutorado, MIT.

FIGUEIRA, L. Pe (1687). *Arte da grammatica da língua Brasilica*. Biblioteca Nacional, 1877.

JEONG, Y. (2006). *The landscape of applicatives*. Tese de Doutorado. University of Maryland.

KIHM, A. (1994). *Kriyol syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

LANDAU, I. (1999). Possessor raising and the structure of VP. *Lingua* 107,

LEMOS BARBOSA, Pe. (1956). *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro, Livraria São José.

MARANTZ, A. (1997). No scape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: Dimitriadis, A.; Siegel, L. et al. (ed.). *University Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2.

PYLLKÄNEN, L. (2008) *Introducing arguments, LI Monograph*, vol.49. The MIT Press.

\_\_\_\_\_. (2000). What applicative heads apply to? *Working Papers in Linguistics*. Universidade da Pensilvânia, v. 64.

\_\_\_\_\_. (2002). *Introducing arguments*. Tese de Doutorado. MIT.

RODRIGUES, A. D. (1953). *Morfologia do verbo tupi*. Separata Letras No 1. Curitiba

SCANTAMBURLO, L. (1981) *Gramática e dicionário da língua criol da Guiné-Bissau*. Bologna Editrice Missionaria italiana.

VIEIRA, M. M. D. (2010). Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. v. 18, n.1.

\_\_\_\_\_. (2006). Os morfemas funcionais aplicativos em paumari (família Arawá). In: Cabral, A. S. C.; Soares, M. F. (org.) *Categorias funcionais em línguas indígenas*. Salvador, UFBA.

\_\_\_\_\_. (2001). A natureza transitiva das sentenças possessivas em mbyá-guarani. In: Queixalós, F. (org.) *Des noms et des verbs en Tupi Guarani: état de la question*. Muenchen: Lincomeuropa.